

O PRATO*

Gysèle Harrus-Révidi

O desejo oral coloca-se sobre o prato (*assiette*¹), que adquire assim, a cada refeição, o estatuto efêmero de território da oralidade. Para cada um de nós, seu uso e sua necessidade absoluta não suscita questionamentos e, no entanto, não são eles, paradoxalmente, totalmente evidentes:

— sociologicamente: certas civilizações, notadamente as africanas ou norte-africanas, privilegiam o prato coletivo em vez do prato individual², sem que os indivíduos pareçam encontrar aí algum motivo de sofrimento ou causalidade conflitual; a comunhão do convívio, elevada pela hospitalidade tradicional, prevalece sobre a consumação individual;

— histórica e culturalmente: houve variações costumeiras pois, "na França, ao prato preferiu-se por muito tempo uma fatia de pão compacto sobre a qual dispunha-se o alimento (*le tranchoir*)"³. Formas e matérias de pratos têm variado segundo os séculos e as classes sociais: a princípio simples cavidade na madeira da mesa, logo terracota, cobre, estanho, prata, prata dourada, ouro maciço. Hoje o prato pode ser branco ou pintado, em cerâmica ou em porcelana, e estas escolhas, aparentemente, encobrem apenas considerações estéticas.

O prato, território oral

O território, em sua acepção etológica (Lorenz), é a zona fundada sobre a dominação sexual e a possibilidade de nutrir sua fome que um animal se reserva e cujo acesso proíbe a seus congêneres.

* Reproduzido de *Psychanalyse de la Gourmandise*. Paris: Éditions Payot, 1994. Tradução de Antonio Carlos Santos.

¹ A palavra francesa *assiette* gera sentidos impossíveis de serem mantidos em português, pois provém do latim *assidere*, estar sentado. Além de prato, *assiette* tem, segundo o Petit Robert, os sentidos de posição, equilíbrio, estado de espírito, etc...

² Na África do Norte, por exemplo, o cuscuz é comido diretamente do prato em que é servido.

³ LANGE, Frédéric. *Manger, ou les jeux et les creux du plat*. Paris: Le Seuil, 1975, p. 53.

Hoje em dia, a noção de território quase não existe mais entre os homens (embora os recentes acontecimentos na Iugoslávia possam ser particularmente interpretados nesta ótica), mas grupos pré-históricos, a civilização medieval na Europa ou as tribos da África ou da Austrália, principalmente, tinham-lhe uma utilização precisa.

Em uma filiação inconsciente, ao mesmo tempo etológica e sociológica, o modesto prato faz então as vezes de território oral exclusivo de cada um, transformando-se em espaço simbólico privilegiado pois em nossa civilização, não importa o ângulo visado — político, econômico, social ou psicológico —, espaço e território individuais são ao mesmo tempo mais e mais limitados e mais e mais precisos: "A evolução de nossas grandes sociedades modernas tende a pulverizar o quadro intermediário, a reduzir os indivíduos a átomos intercambiáveis, a exauri-los em benefício de um poder centralizado e anônimo"⁴.

O que possui verdadeiramente de próprio, somente dele, insistimos, o *Homo economicus* moderno, que não seja dependente de algum grupo, família ou *holding*? Qualquer indivíduo dotado de um banal instinto predador exercido sobre bens materiais, mesmo se é "normalmente" consciente de sua alienação, recusaria com angústia reconhecer que só seu prato, suas roupas (sobretudo seus sapatos) e seu carro delimitam estruturas estritamente pessoais, e ainda, unicamente por um breve instante; o resto, quer queira ou não, ele partilha: sua casa, sua cama, seu dinheiro, suas crianças... Prova consumista suplementar, os artifícios da moda, fundados sobre símbolos econômicos inconscientes, continuam a delimitar sem interrupção "pois a toalha niveladora e unificadora é substituída pelos aparelhos individuais que fixam o território de cada um, impedindo assim que se misturem demais a existência e os destinos dos participantes reunidos em torno de uma mesa"⁵.

O prato contém nossa parte de alimento, dito de outra forma o pedaço de mundo que nos está reservado. Assim, ele representa materialmente nossa possibilidade de sobreviver, pois nossa obscura angústia da falta, ao contrário das aparências de nossa civilização consumista, perdura no fantasma arcaico. Essa ambiguidade entre real e imaginário nos conduz então à compreensão instintiva desse comportamento, hoje em dia bizarro, que proíbe agressões ao prato, mesmo fictícias, por um outro. De fato, esse utensílio é um fragmento de real e faz inconscientemente as vezes de representação metonímica ao instinto predador que, bem ou mal reprimido, está presente nas pulsões.

Está claro, no fundo, que "se espera do prato que ele recolha e delimite um fragmento do mundo sobre o qual se concentrará

⁴ LÉVI-STRAUSS, Claude. "Entretien avec J.-M. Benoist" *Le Monde*, 21-22 janvier 1979.

⁵ LANGE, Frédéric. *Op. cit.*, p. 99.

nossa atenção e, por ele, começará a ordenar o mundo"⁶. *Hinc et nunc*, a ordem do mundo começa, e começará sempre, pelo respeito ao conteúdo do prato do outro. É de observação corriqueira que existe uma agressividade desde já preocupada em se disfarçar no momento em que se escolhe os alimentos, da travessa comum a seu prato, com um aparente desapego que não resiste a uma observação atenta. Os ódios familiares irreversíveis, todos sabem e todos fingem não saber, não têm outra origem: "eles" (os pais) comiam demais ou não muito, refestelavam-se com egoísmo, restringiam-se com ostentação; a criança que eu fui, privada, por culpa de meus pais ou de suas reivindicações, de minha relação feliz com o prato...

Colocar alimentos em um prato assinala a apropriação de seu conteúdo. Por essa razão inconsciente, pessoas em regime têm por vezes o comportamento, aparentemente absurdo, de comer de pé, servindo-se diretamente do prato comum sem fazer transitar o alimento por seu prato, evitando assim a apropriação simbólica, comportamento que os outros suportam mal; por esse método, eles absorvem uma comida "anônima" que, magicamente, não lhes pode ser prejudicial, o que os outros, dentro da mesma lógica inconsciente, vivem como uma agressão a sua parte pessoal.

Beliscar ou comer no prato de outro abre um leque relacional que cobre todos os registros de agressividade animal, da rivalidade fraternal rancorosa aos prelúdios à agressão amorosa, o prato prefigurando a cama onde os corpos se juntam.

Sempre com a cama, ele é enfim o último refúgio contra a angústia de solidão e o sentimento de perda de si mesmo, ele é a superfície onde, repetitivamente, procura-se a substância vital que deve compensar a falha corporal. Nas prisões, ou anteriormente, no exército, os indivíduos que nada possuíam tinham, no entanto, sua gamela pessoal; ofereciam estas instituições inconscientemente um objeto que permitia a fuga da perda de identidade? Transformado por vezes em objeto de transição, o prato permite ainda, em certos momentos autistas presentes em cada um, reconhecer o mundo exterior simbolizado ali pelos bons objetos a incorporar. "Entre a pessoa social e seu próprio corpo onde a natureza se desencadeia, entre esse corpo mesmo e o universo biológico ou físico, os utensílios de mesa ou de vestuário preenchem um papel eficaz a título de isolantes ou mediadores. Sua presença interpolada impede a descarga catastrófica que poderia se produzir." Os utensílios canalizam a pulsão arcaica posicionando a cultura entre o homem primário e o mundo; assim fazendo, exercem uma função política, o político tendo como papel gerar a penúria que recobre a materialidade, a falta-em-ser ou a castração. Os pletóricos serviços de mesa de Ver-

⁶ *Ibid.*

sallles tinham função de interposição entre o rei e seus sujeitos e acentuavam, por sua suntuosidade, a camada entre as pulsões reais e as necessidades vitais proletárias.

O prato é, enfim e sobretudo, negação do vazio, objeto de denegação da falta. Tudo aquilo que contém algo sustenta a evidência de um conteúdo, todo o conteúdo participa portanto teoricamente da luta contra o *horror vacui*. Quando o olhar abarca a superfície deste objeto familiar, as representações imaginárias, verdadeiramente alucinações, coexistem no ato mesmo desta percepção. De toda forma, mesmo vazio, o prato é menos vazio absoluto do mundo do que vazio de uma porção familiar do universo, aquela, concebível, dotada à digestão e não aquela da angústia metafísica profunda. Um vazio estritamente delimitado frustra, pune ou angustia, mas pode estar contido na psiquê sem medo de desmoroamento.

Em volta da mesa familiar, a cadeira e o prato vazio designam o lugar do outro: viajante, pobre, ausente ou morto; esta vacuidade presentifica o Desconhecido que pode surgir e reclamar seu débito e, em resposta, o gesto de caridade é conjuratório em face da miséria, da solidão e do luto. *Ex nihilo*, o espaço infinito é o espaço do vazio, sem limites humanos, representação da não-existência de si e de Deus. Baudelaire faz rimar *vide* (vazio) com *avide* (ávido), pois na angústia mesma do vazio uma avidez vital insaciável toma sua fonte: "Quando *avide* responde a *vide*, o vazio é posto à prova por detrás de uma boca desejante, ele é percebido, no fundo da garganta ou no fundo do estômago, como uma vontade 'devoradora', ou como uma insaciabilidade que nada acalma... A insaciabilidade é o índice do erro cometido por aqueles que escolhem os alimentos corruptíveis ou que dependem do acaso". O prato e seu preenchimento nutritivo efêmero fixam o homem no instante, no imanente, no relativo, enquanto o vazio antinatural o preenche de uma angústia fria e mortífera.

O prato, tela do sonho

Tal um seio grande transbordante, o prato pode ser um substituto da tela do sonho, "a superfície sobre a qual um sonho parece projetado. É o fundo branco presente no sonho, mesmo se ele não é necessariamente visto. Isakower interpreta as grandes massas que se aproximam de quem dorme no início do sonho "como sendo seios"⁷.

O sonho é constituído de imagens e de sons e aquele que come se assemelha por vezes a um sonhador acordado: se se sente em segurança, o homem que come sozinho está em estado de mí-

⁷ LEWIN, Bertram. "Le sommeil, la bouche et l'écran du rêve" *L'Espace du rêve*. NRP, 1972, p. 211.

nima vigilância, de quietude e de regressão; a refeição é um momento de vagos fantasmas em que se mexem e se atualizam fragmentos de memória constituídos não de lembranças precisas mas de reminiscências sensoriais — visuais, gustativas, olfativas ou táteis; é um tempo de atualização da pulsão, economicamente redutor da tensão.

No fundo, o prato não desempenha tanto um papel de tela⁸, mas exerce um estímulo visual em uma sorte de auto-hipnose. Dependendo de seu desenho, sua cor, seu conteúdo, tão qualificativo (comer em papelão ou em porcelana fina transforma um alimento) quanto quantitativo, ele autoriza o devaneio, a dobra satisfeita sobre si. Comer sozinho sub-entende, dentro de uma ótica moralizadora não dita mas curiosamente implícita, comer funcionalmente, sem “muito” prazer (e este “muito” recobre todas as escalas do possível). A gula solitária, seja o de uma jovem, de uma velha dama ou de um velho senhor, faz sorrir com uma benevolente ironia dobrada contudo por uma tácita restrição mental: “um pouco”, por que não? “Frequentemente” é associado à regressão narcísica, ao egocentrismo assumido. Para o adulto, na fase sexualmente ativa, o prazer oral se posiciona inconscientemente como não tendo que disfarçar as fraquezas da vida sentimental mas como complemento ou enriquecimento de um prazer que se origina em outra parte: em uma palavra, a gula solitária é, neste caso, representação implícita do cheque amoroso em virtude de um sistema de equivalência do prazer. É, além do mais, o caso de uma pessoa com bulimia que vive sua glotonaria como um ato vergonhoso, inconscientemente associado à masturbação (se me vêem, diz, que vergonha!), como se imagens oníricas da mesma ordem acompanhassem estes atos aparentemente diferentes mas cujo ponto comum é a regressão, seja ele prazeroso ou não.

O convívio

Temendo inconscientemente o universo pulsional oral a que poderia eventualmente dar-se livre curso na solidão, temendo o dobrar-se sobre si, a auto-hipnose, o homem utiliza o mais frequentemente possível o convívio, o “prazer de bem comer em grupo”. “A conversa (com muitos) é de alguma forma a lei que guarda o prazer culinário de todo o risco psicótico e mantém o *gourmand* em uma sã racionalidade: ao falar, ao palestrar enquanto come, o conviva confirma seu eu e se protege de toda fuga subjetiva pelo imaginário do discurso”⁹.

⁸ Embora, neste quadro, as fontes inconscientes da escolha que preside à compra de um prato completamente branco ou de um prato colorido façam, talvez, sentido.

⁹ BARTHES, Roland. “Pour une histoire de l'alimentation” *Cahier des Annales*, 28, 1970, p. 12.

Com efeito, por um lado comer, em um contexto de angústia ou de raiva, pode tornar louco e reenviar o homem ao animal, para o qual a satisfação da ingestão vem antes de tudo; por outro, a solidão é igualmente fator de loucura pela não-confrontação de seu universo com o dos outros: por essas duas razões, falar "bem" ao comer "bem", falar com segurança, a propósito, em torno da nutrição torna-se exaltação do gozo oral pela conjugação equilibrada do prazer de pensar e das descobertas sensuais. Para o bobo da gastronomia, contrariamente ao código de polidez, falar com a boca cheia é cúmulo do gozo oral, enquanto o sibarita, lembrêmo-lo, sabe que a verdadeira degustação necessita uma concentração silenciosa; a polidez, "esta dança social", dizia Alain, esta aceitação obrigatória dos limites de recepção do outro, deve dissimular a máscara do prazer a fim de não levantar a inveja destruidora daquele que olha sem comer, ou pior, paradoxalmente, que comeria sem prazer. Calar seu prazer...

Convivência e conversa têm um papel de antidroga: discorrer permite a assumpção do gozo oral sem risco de se perder. Melhor, "neste nível, a gula é um dos principais laços da sociedade; é ela que estende gradualmente este espírito de convivência que reúne a cada dia as diversas classes, os funde em um só todo, anima a conversa e adoça os ângulos de desigualdade convencional"¹⁰.

Esta convivência, em todas as épocas e em todos os meios sociais, esta partilha com os outros de um prato comum garante para cada um uma forma de controle pulsional. "De fato, o convívio não é apenas um fato sociológico; ele nos chama a considerar (o que as ciências humanas pouco fizeram até agora) a comunicação como um gozo — e não mais como uma função."¹¹

O gozo oral tem dois pólos, o gustativo e o verbal, no qual o ser humano, na angústia da desmedida, se protege constantemente, usando um contra o outro. Até hoje, a partilha do prazer oral com o grupo de parentes ou amigos, em um estado de comunhão, tem sido valorizado e procurado; no entanto, sutilmente, uma mudança importante na própria noção de conviva desliza dentro da vida cotidiana, pela intrusão da televisão na sala de refeições da família. Os convivas em carne e osso (assim poderíamos descrevê-los) são substituídos por imagens em uma tela branca: é então o desaparecimento da conversa que inscrevia o *gourmand* em uma racionalidade sã, aquela também do devaneio sensorial, agradavelmente regressivo, e que morre nele mesmo. Fazem então intromissão com violência — pois a hora da refeição corresponde às informações — imagens que, paradoxalmente, distanciam o mundo, a

¹⁰ BRILLAT-SAVARIN, Jean-Anthelme. *Physiologie du goût*. Paris: Hermann, 1975, p. 101.

¹¹ BARTHES, Roland. *Op. cit.*, p. 30.

sensação e o prazer do gosto; a visão ligada à tela esteriliza o prazer oral pelo aparecimento de um interesse colocado em um universo diferente daquele do prato. Um deslocamento pulsional tem lugar, pois não se come mais o alimento, devora-se a informação: a pulsão oral é assim transmutada em pulsão escópica. Se o prato tem uma função de renarcisação, a televisão, a certas doses, torna psicótico, matando o convívio e o prazer da conversa; reina então a pobreza fantasmática do prato-refeição de alimentos "cartesianos" e dietéticos e a pobreza relacional de um mundo pessoal curiosamente encolhido pelas imagens do mundo inteiro. Espaço e tempo são abolidos pela instantaneidade da televisão e o não-discernimento do imaginário e do real, imagens e pratos misturam-se no mesmo nivelamento uniforme: o téléfago não vive nada, quem come alimenta-se automaticamente, como o Carlitos dos Tempos modernos.

Nós vivemos uma época em que fantasmas e pulsões são constantemente evocados e em que, paralelamente, são totalmente bloqueados para recuperar a força e a violência, dentro de um objetivo grupal que ultrapassa e esmaga as libidos individuais.